



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA  
CENTRO DAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
CURSO DE MEDICINA**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**JOSÉ DOS SANTOS MARTINS**

**PREVALÊNCIA DE AUTOMEDICAÇÃO ENTRE OS  
ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DA UFOB**

**Barreiras-BA  
2023**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA  
CENTRO DAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
CURSO DE MEDICINA**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**PREVALÊNCIA DE AUTOMEDICAÇÃO ENTRE OS  
ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DA UFOB**

**JOSÉ DOS SANTOS MARTINS**

**Professora orientadora: CAMILA ALMENARA CRUZ PEREIRA**

Monografia de conclusão do componente curricular TCC II, como pré-requisito obrigatório e parcial para conclusão do curso de Medicina da Universidade Federal do Oeste da Bahia, apresentada ao colegiado do curso de Graduação em Medicina.

**Barreiras-BA  
2023**

## FICHA CATALOGRÁFICA

---

M386 Martins, José dos Santos

Prevalência da automedicação entre estudantes de graduação da UFOB. / José dos Santos Martins. – 2023.

22f.

Orientador: Prof. Camila Almenara Cruz Pereira.

Monografia (Graduação) – Bacharelado em Medicina. Universidade Federal do Oeste da Bahia. Centro das Ciências Biológicas e da Saúde. Barreiras, BA, 2023.

1. Automedicação. 2. Uso de medicamentos. 3. Publicidade de medicamentos I. Pereira, Camila Almenara Cruz. II. Universidade Federal do Oeste da Bahia - Centro das Ciências Biológicas e da Saúde. III. Título.

CDD 610

---

## ATA DE DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

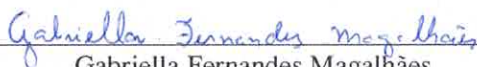
Aos 14 dias do mês de junho de 2023, às 10 horas e 50 minutos, em sessão pública na sala 17 do pavilhão 1 da UFOB, na presença da Banca Examinadora presidida pela Professora Camila Almenara Cruz Pereira e composta pelos examinadores: Profa. Msc. Gabriella Fernandes Magalhães e Prof. Dr. André Leandro Silva, o aluno José dos Santos Martins apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: Prevalência de automedicação entre estudantes de graduação da UFOB, como requisito curricular indispensável para a integralização do Curso de Medicina.

Após reunião em sessão reservada, a Banca Examinadora deliberou e decidiu pela aprovação do referido trabalho, divulgando o resultado formalmente ao aluno e demais presentes e eu, na qualidade de Presidente da Banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais examinadores.



---

Camila Almenara Cruz Pereira  
Presidente da Banca Examinadora



---

Gabriella Fernandes Magalhães  
Examinador 1



---

André Leandro Silva  
Examinador 02

## RESUMO

Esse trabalho teve como objetivo avaliar a prevalência da automedicação entre os estudantes de graduação da UFOB e os fatores associados a essa prática. Isso foi feito por meio de um formulário virtual - hospedado no Google Forms – composto por perguntas relativas às condições sociodemográficas, informações sobre o estado de saúde atual do estudante e informações acerca da automedicação. O formulário foi divulgado por meio das mídias sociais, atléticas e pelos professores. A prevalência da automedicação foi de 41.4%, sendo mais prevalente no sexo feminino. Foi encontrada uma relação inversa entre o número de consultas médicas e a prevalência da automedicação, assim como foi visto que participantes com rendas maiores se automedicam menos, ambas com associação estatística ( $p < 0,05$ ). Os medicamentos mais utilizados foram: analgésicos (67%), anti-inflamatórios (65,5%), relaxantes musculares (44,7%) e antitérmicos (34%). A queixa mais prevalente foi a dor de cabeça (83%). Foi notado que os cursos de Humanidades (80%) e de Exatas (76,55%) são mais influenciáveis por familiares e amigos em relação à automedicação do que os cursos da Saúde/Ciências Biológicas (54,55%), com importante associação estatística ( $p = 0,004$ ). Portanto, pesquisar sobre a prevalência de automedicação entre estudantes de graduação é essencial, pois permite compreender um fenômeno comum nessa população em uma fase crítica de suas vidas acadêmicas, para, conseqüentemente, desenvolver estratégias educacionais e preventivas para conscientizá-los sobre os riscos associados e estimulá-los a praticar a automedicação responsável.

**Descritores:** Automedicação; Universitário; Uso de medicamentos; Publicidade de medicamentos; Universidade Federal do Oeste da Bahia.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS .....</b>	<b>7</b>
2.1	Objetivo geral:.....	7
2.2	Objetivos específicos:.....	7
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>8</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS .....</b>	<b>9</b>
<b>5</b>	<b>DISCUSSÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>18</b>
	<b>ANEXO I.....</b>	<b>21</b>
	<b>ANEXO II.....</b>	<b>22</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo a OMS, a automedicação pode ser definida como a seleção e a utilização de medicamentos com o intuito de tratar doenças autodiagnosticadas ou seus sintomas. Essa organização defende a prática da automedicação responsável, onde os problemas de saúde de menor risco podem ser resolvidos com medicamentos de menor potência, trazendo benefícios para o sistema público de saúde. Além disso, seria incompatível para o sistema econômico e de saúde ofertar atendimento médico para sanar todos os sintomas da população (VILARINO et al., 1998).

Nesse contexto, a OMS explicita que o uso racional de medicamentos acontece quando os pacientes recebem uma medicação adequada para suas necessidades, em dosagens corretas e com o mínimo de custo possível. De fato, o uso racional de medicamentos é capaz de produzir uma economia de gastos na saúde do paciente e para o sistema de saúde no geral. Dessa forma, haveria uma redução na procura por assistência médica pela população e uma menor sobrecarga dos sistemas de saúde, principalmente frente a sintomas de fácil resolução (COSTA et al., 2011).

Todavia, apesar da automedicação ser vista como uma forma de autocuidado, o uso de medicamentos sem prescrição médica e a polifarmácia acarretam em efeitos desagradáveis, como, por exemplo, o encobrimento de doenças pré-existentes e problemas iatrogênicos (MELO et al., 2021). Assim, a automedicação é um evento de grande discussão dentro do meio médico-acadêmico, sendo uma preocupação de escala mundial (MELO et al., 2021). Isso porque a grande disponibilidade de medicamentos no mercado associada às constantes descobertas no campo farmacêutico, facilita o consumo excessivo por alguns (CARVALHO et al., 2005), amplificando o risco de desenvolvimento de intoxicações farmacológicas e de dependência química (DUARTE et al., 2011). Além disso, Costa et al. 2011 destaca que a orientação de uso de medicamentos por membros da família ou amigos – ou seja, pessoas não habilitadas - também influencia na automedicação da população.

De acordo com a OMS, cerca de 50% de todos os medicamentos vendidos, prescritos e dispensados no mundo são utilizados de forma incorreta,

enquanto um terço da população mundial vivencia a falta de medicamentos. Ademais, os hospitais chegam a gastar de 15% a 20% dos seus orçamentos para tratar as complicações geradas pelo uso inapropriado de medicamentos. Nos Estados Unidos, por exemplo, uma grande quantidade de medicamentos e suplementos alimentares são vendidos abertamente, sendo comercializados até mesmo em supermercados. Já no Brasil, certas classes de medicamentos são vendidas apenas com prescrição médica em receituários específicos (DUARTE et al., 2011).

Ainda no Brasil, segundo uma pesquisa qualitativa realizada pelo Conselho Federal de Medicina em 2019, cerca de 77% da população brasileira tem o hábito de se medicar, sendo que cerca de 47% se medicam pelo menos uma vez por mês e 25% se automedica todo dia ou ao menos uma vez na semana. Além disso, foi constatado também que o principal determinante para a aquisição dos medicamentos foi a sua facilidade de acesso, fator observado principalmente entre o público mais jovem (de 16 a 24 anos). Outro fator importante observado foi que os antibióticos foi a segunda classe de medicamentos mais utilizada para a automedicação (42%), todavia, a prescrição farmacêutica, regulamentada pelo Conselho Federal de Farmácia segundo a Resolução CFF nº 586/2013, foi mencionada apenas por 5% dos entrevistados.

Sabe-se que a automedicação está associada ao uso prolongado de medicamentos, ao uso em dosagens inadequadas e em formas de administração incorretas, a falha em reconhecer as contraindicações de certos medicamentos, fatores que corroboram para o aparecimento de efeitos adversos ou em falhas terapêuticas (BENNADI, 2014).

Por fim, os pesquisadores David Dunning e Justin Kruger descreveram em seu artigo uma questão que seria posteriormente batizada de Efeito Dunning-Kruger. Segundo esse efeito, pessoas com menos conhecimento científico em determinada área tendem a superestimar suas habilidades, estando mais expostas a erros quando comparadas àquelas que as subestimam (KRUGER; DUNNING, 1999). Dessa forma, infere-se que os estudantes de outras áreas, que não da saúde, por estarem menos expostos a informações sobre medicamentos, estão mais sujeitos a automedicação.

Assim, a determinação da automedicação entre os universitários e a compreensão dos fatores associados a esse consumo são essenciais para a

determinação de políticas que visem a implementação da automedicação responsável e alertar a essa população sobre os perigos da utilização de medicamentos sem prescrição médica, de modo a evitar intoxicações e possíveis iatrogenias futuras.

Esse estudo tem como objetivo analisar a prevalência da automedicação entre os estudantes de graduação da Universidade Federal do Oeste da Bahia. Por fim, conhecer a prevalência da automedicação dentre os universitários, os principais medicamentos utilizados pelos estudantes e o nível de conhecimento deles acerca da utilização correta dos fármacos é essencial para traçar medidas educativas voltadas contra essa prática, tendo em vista que, futuramente, tais estudantes serão os responsáveis pela correta orientação sobre a utilização de medicamentos por parte da população. Assim, orientar os estudantes é fundamental para que a prática da automedicação seja desestimulada.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral:**

Definir a prevalência da prática de automedicação entre os estudantes de graduação da Universidade Federal do Oeste da Bahia.

### **2.2 Objetivos específicos:**

- Caracterizar o perfil dos estudantes da saúde da UFOB, obtendo informações acerca da faixa etária, estado civil, renda familiar e a possível relação com a prática da automedicação.
- Investigar se há influência das propagandas e mídia sociais na prática de automedicação por universitários;
- Analisar a influência dos amigos e familiares na prática de automedicação por universitários;
- Determinar se há influência dos balconistas ou farmacêuticos na prática de automedicação por universitários;
- Identificar se as áreas do curso estão relacionadas à prática de automedicação por universitários;
- Apontar os principais medicamentos utilizados pelos estudantes.

- Caracterizar as principais motivações para o uso de medicamentos sem orientação médica.

### 3 METODOLOGIA

Para atender aos objetivos, foi realizado um estudo transversal, com aplicação de questionário, dirigido aos estudantes de graduação do campus Reitor Edgar Santos, da Universidade Federal do Oeste da Bahia, no município de Barreiras, Bahia. O projeto foi aprovado pelo comitê de ética de pesquisa em seres humanos via Plataforma Brasil, sob Certificado de Apresentação para apreciação ética número 63451622.2.0000.8060, cujo parecer está no ANEXO 1.

As informações foram coletadas por meio de um questionário construído na plataforma Google Forms. O questionário foi composto por perguntas relativas às condições sociodemográficas e estado de saúde do indivíduo. Também constava no questionário perguntas relacionadas ao uso de medicamentos sem prescrição médica, os motivos para esta prática, o conhecimento sobre os medicamentos consumidos e a segurança quanto ao consumo e indicação desses medicamentos a terceiros. A relação de perguntas do questionário está listada no ANEXO II.

O questionário foi divulgado por meio de grupos gerais – hospedados no WhatsApp e no Telegram – dos cursos de graduação da UFOB. Além disso, por meio de uma parceria com as Associações Atléticas de cada curso, o questionário foi divulgado por meio do Instagram, além da divulgação pelos professores dos cursos. Respostas de estudantes menores de 18 anos ou que não cursavam graduação no campus Reitor Edgar Santos da UFOB foram excluídas.

Segundo dados de 2021 relacionados ao perfil do estudante da Universidade Federal do Oeste da Bahia, a instituição conta com 5190 discentes, distribuídos em 5 *campi*: Barreiras, Barra, Bom Jesus da Lapa, Luís Eduardo Magalhães e Santa Maria da Vitória, sendo que cerca de 95,5% desses se encontram na graduação.

Cerca de 63,7% dos estudantes se encontram na faixa etária de 22 a 29 anos de idade e 22,7% possuem abaixo de 21 anos. A maioria dos estudantes (76,92%) cursou o ensino médio em escola pública. Ademais, 48,1% se autodeclarou como pardo, 17,9% como branco e 14,1% como preto.

Em relação aos cursos, os dados confirmam que o curso de Medicina é o com maior número de discentes, totalizando 381. BI em Humanidades ocupa a segunda posição, sendo composto por 319 discentes, seguido por Nutrição (284), Medicina Veterinária (271) e Farmácia (266). Do total de discentes, cerca de 82,6% são provenientes da Bahia.

Após a coleta dos dados, estes foram analisados estatisticamente para caracterizar a população estudada, determinar a prevalência de automedicação entre os estudantes e os principais fatores relacionados, utilizando o software JAMOVI. Foram utilizados os testes do Qui-Quadrado e Teste Exato de Fisher para a análise de associação entre as variáveis e valores de  $P < 0,05$  foram considerados estatisticamente significantes.

#### **4 RESULTADOS**

O questionário foi respondido por 206 estudantes da Universidade Federal do Oeste da Bahia, sendo que três participantes não se adequaram aos critérios de seleção e, por isso, foram retirados da pesquisa. Foi observado que a maioria dos participantes eram do sexo feminino (70.8%) e se autodeclarou como parda (51.5%). Além disso, a maioria dos participantes possuíam uma idade entre 21 e 25 anos (62.1%), declarou possuir uma renda familiar de até 3125 reais (44.8%) e completou o ensino médio em escolas públicas (59.1%). Por fim, a área do curso com maior número de participantes foi a área da Saúde/Ciências Biológicas (66.0%), conforme os dados descritos na tabela 1.

Tabela 1. Descrição da amostra do estudo.

<b>Variáveis</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Geral</b>	203	100
<b>Sexo</b>		
Feminino	143	70.8
Masculino	59	29.2
<b>Raça</b>		
Branca	64	33.0
Preta	30	15.5
Parda	100	51.5
<b>Faixa Etária</b>		
18 a 20 anos	37	18.2
21 a 25 anos	126	62.1
26 a 30 anos	30	14.8
> 30 anos	10	4.9
<b>Estado civil</b>		
Solteiro (a)	184	90.6
Casado (a)	18	8.9
Divorciado (a)	1	0.5
<b>Renda familiar</b>		
Até 3125 reais	91	44.8
Entre 3125 e 6270 reais	65	32.0
Entre 6271 e 9405 reais	24	11.8
Entre 9406 e 12540 reais	11	5.4
> 12540 reais	12	5.9
<b>Onde completou o ensino médio</b>		
Escola pública	120	59.1
Escola privada	79	38.9
Ambas	4	2.0
<b>Área do curso</b>		
Exatas	34	16.7
Humanidades	35	17.2
Saúde/Ciências biológicas	134	66.0

A frequência da automedicação e sua relação entre os grupos pesquisados está descrita na tabela 2. A prevalência da automedicação encontrada foi de 41,4%. Foi observado que não houve diferença estatística relevante na prevalência da automedicação entre os dois sexos ou faixas etárias.

Por outro lado, observa-se que a renda e a prática da automedicação se mostraram inversamente correlacionadas, ou seja, a faixa de menor renda familiar apresentou maior prevalência de automedicação.

Em relação a área de conhecimento do curso do respondente, não foi observada associação significativa com a automedicação. Quando analisado apenas o curso de medicina, a prevalência da automedicação foi de 46.5%, sem associação estatística importante (Teste Qui-Quadrado:  $p = 0.321$ ).

Tabela 2. Frequência de automedicação por subpopulações

Fator	Automedicação	Não	Sim	p-valor
		Freq. Abs (freq.. rel)	Freq. Abs (freq.. rel)	
<b>Sexo</b>				
	Feminino	86 (60.1%)	57 (39.9%)	0.439*
	Masculino	32 (54.2%)	27 (45.8%)	
<b>Raça</b>				
	Branca	40 (62.5%)	24 (37.5%)	0.704*
	Preta	18 (60.0%)	12 (40.0%)	
	Parda	56 (56.0%)	44 (44.0%)	
<b>Faixa Etária</b>				
	18 a 20 anos	27 (73.0%)	10 (27.0%)	0.263*
	21 a 25 anos	70 (55.6%)	56 (44.4%)	
	26 a 30 anos	16 (53.3%)	14 (46.7%)	
	> 30 anos	6 (60%)	4 (40%)	
<b>Renda familiar</b>				
	Até 3125 reais	49 (53.8%)	42 (46.2%)	0.033**
	Entre 3125 e 6270 reais	34 (52.3%)	31 (47.7%)	
	Entre 6271 e 9405 reais	16 (66.7%)	8 (33.3%)	
	Entre 9406 e 12540 reais	10 (90.9%)	1 (9.1%)	
	> 12540 reais	10 (83.3%)	2 (16.7%)	
<b>Área do curso</b>				
	Exatas	19 (55.9%)	15 (44.1%)	0.420*
	Humanidades	24 (68.6%)	11 (31.4%)	
	Saúde/Ciências biológicas	76 (56.7%)	58 (43.3%)	

Freq. Abs.: Frequência absoluta; Freq. Rel.: Frequência relativa. \* Teste do Qui-Quadrado \*\*

Teste Exato de Fisher

A tabela 3 sintetiza os fatores relacionados à saúde do participante. Dos entrevistados, 93% afirma receber até 4 atendimentos médicos por ano. Foi percebido, ainda, uma associação negativa entre a quantidade de atendimentos médicos anuais e a prevalência da automedicação (Teste Exato de Fisher:  $p < 0.001$ ). Daqueles que afirmaram receber atendimento médico até uma vez por ano (100 pessoas), 53% se automedicaram; os que afirmaram receber de 2 a 4 atendimentos por ano (87 pessoas), 34.5% se automedicaram; os que recebem de 4 a 5 atendimentos anuais (9 pessoas), 11.1% se automedicaram; e os que recebem mais de 7 atendimentos por ano (7 pessoas), nenhuma afirmou se automedicar.

Já em relação a ter plano de saúde, apenas  $\frac{1}{4}$  dos respondentes responderam que sim e não foi observada associação com a prática da automedicação (Teste Qui-Quadrado:  $p = 0.121$ ). O estado de saúde autodeclarado dos pelos estudantes foi ótimo ou bom para 59% e também não apresentou associação com a automedicação (Teste Exato de Fisher:  $p = 0.259$ ).

Tabela 3. Fatores relacionados à saúde e uso de medicamentos

<b>Variáveis</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Atendimento médico anual</b>		
Até uma vez por ano	100	49.3%
2 a 4 vezes por ano	87	42.9%
4 a 5 vezes por ano	9	4.4%
> 7 vezes por ano	7	3.4%
<b>Plano de saúde</b>		
Não	153	75.4%
Sim	50	24.6%
<b>Estado de saúde autodeclarado</b>		
<b>Péssimo</b>	<b>2</b>	<b>1.0%</b>
<b>Ruim</b>	<b>18</b>	<b>8.9%</b>
<b>Regular</b>	<b>63</b>	<b>31.0%</b>
<b>Bom</b>	<b>93</b>	<b>45.8%</b>
<b>Ótimo</b>	<b>27</b>	<b>13.3%</b>

Em relação a leitura da bula antes de utilizar um medicamento, 3,9% admite nunca ler a bula dos medicamentos que utilizam por conta própria e 19,2 dizem raramente ler, apenas 39,9% admite ler sempre. Não foi observado relação estatística entre a leitura da bula e a prática da automedicação (Teste Qui-Quadrado:  $p = 0.937$ ).

Já se tratando das influências que levam a automedicação, 80,3% afirmaram que as propagandas e as mídias sociais influenciam pouco ou nada no uso de medicamentos por conta própria. Não foi observada associação entre a influência das propagandas e das mídias sociais no uso de medicamentos sem prescrição e a área do curso do aluno (Teste Exato de Fisher:  $p = 0,115$ ).

Ainda, 62,6% admitiram ser influenciados por indicação de familiares ou amigos no uso de um medicamento sem prescrição. Dentre esses, os mais influenciados foram dos cursos de humanidades (80%), seguidos dos de exatas (76,55%). Os estudantes da saúde (54.5%) foram os menos influenciados por amigos e familiares para a prática da automedicação. De fato, foi observada associação entre a área de conhecimento do curso e a influência da indicação de amigos/familiares (Teste Exato de Fisher:  $p = 0,004$ ).

Somado a isso, 65% admitiram ser influenciados pela indicação do farmacêutico ou do balconista, sendo que as frequências se distribuíram de forma similar entre as áreas dos cursos (Teste exato de Fisher:  $p = 0,306$ ).

Por fim, 25,6% afirmaram que não costumam indicar com frequência medicamentos para amigos e/ou para familiares, também não havendo diferença entre as áreas de curso. (Teste Exato de Fisher:  $p=0,890$ ).

Os principais motivos para a utilização dos medicamentos foram: dor de cabeça (83%), dores musculares ou articulares (51%), resfriado ou gripe (48,1%) e dor de garganta (43,2%). Também, 14,1% dos participantes admitiram utilizar medicamentos sem prescrição por conta de transtorno de ansiedade ou de sintomas depressivos. Com relação aos principais medicamentos utilizados, tivemos os analgésicos (67%), seguidos dos anti-inflamatórios (65,5%), relaxantes musculares (44,7%) e antitérmicos (34%).

## 5 DISCUSSÃO

O presente estudo teve por objetivo estimar a frequência da prática da automedicação entre universitários de diversas áreas de conhecimento em uma universidade no interior da Bahia. Através da análise dos dados, foi determinada prevalência de 41,4% de automedicação entre os participantes, não sendo encontrada relação estatística entre a prática da automedicação e a área do curso. Além disso, observou-se que renda familiar e a quantidade de atendimentos médicos tiveram uma relação inversa com a automedicação, diferentemente de possuir ou não plano de saúde, que não se mostrou estatisticamente associado. Por fim, foi observado que as áreas dos cursos de humanidades e exatas são mais facilmente influenciadas pela família para praticar a automedicação do que a área da saúde.

Na atual pesquisa, 84 participantes (41.4%) afirmaram ter utilizado medicamentos por conta própria nos últimos 6 meses, sendo 57 do sexo feminino (67,86%) e 27 (32,14%) do sexo masculino. Apesar da maior prevalência da automedicação no sexo feminino, não foi encontrada associação estatística entre o sexo e a prática da automedicação. Em um estudo semelhante realizado com os estudantes de enfermagem do estado do Amazonas, a prevalência encontrada foi de 76% entre os entrevistados, onde o sexo feminino também obteve a maior prevalência (61,4%). Corroborando com o estudo atual, não foi

encontrada relação estatística entre essas mesmas variáveis (GAMA; SECOLI, 2017).

Prevalência maior de automedicação foi encontrada entre os estudantes de medicina da UNAERP, chegando a cerca de 92% dos participantes (RUAN et al., 2012), Ao passo que em um estudo entre os estudantes de fisioterapia de uma instituição de ensino superior de Teresina, a prevalência foi de apenas 46,87%, constatando-se uma maior prevalência no sexo feminino (NERES et al., 2010).

A maior prevalência de automedicação no sexo feminino pode ser explicada pelo fato de que as mulheres, quando comparadas aos homens, tendem a ter uma maior percepção de autocuidado e procuram mais o serviço médico do que o sexo masculino, além de que as mulheres estão mais sujeitas a algumas condições de saúde específicas, como sintomas relacionados ao ciclo menstrual e ao climatério (ARRAIS et al., 2005).

Em relação à faixa etária dos participantes, o presente estudo foi respondido, majoritariamente, por estudantes com faixa etária entre 21 e 25 anos, representando 62,1% do total, onde não foi evidenciado associação estatística significativa entre a idade do participante e a prática da automedicação ( $p = 0.263$ ). Não obstante, segundo Arrais et al (1997), a prática da automedicação é mais comum entre mulheres com idades entre 16 e 41 anos, quando analisada a população em geral.

Já no tocante a renda familiar, percebeu-se uma relação inversa entre renda e a automedicação, onde participantes com maior renda se automedicaram menos que estudantes com renda menor. Diferentemente, em uma pesquisa sobre a automedicação na cidade de Floriano-Piauí, 96.6% dos participantes com renda menor que dois salários-mínimos admitiram se automedicar, não havendo associação estatística entre as variáveis (DUARTE et al., 2011).

Se tratando da área do curso, as frequências de automedicação não foram diferentes entre as áreas de conhecimento dos estudantes. Em um estudo similar, performado por Lima et al (2022), foi observado que a prevalência da automedicação na área da saúde foi levemente maior do que a prevalência de outras áreas, apesar de não haver associação estatística significativa entre as variáveis. Além disso, nesse mesmo estudo, averiguou-se que, dentre os cursos

pesquisados, aqueles com maior prevalência de automedicação foi o curso de medicina (91,7%), enfermagem (86%) e, em terceiro lugar, os cursos de matemática e física (81.1%). Esse resultado vai de encontro a nossa pesquisa, pois observou-se que apenas 46.3% dos estudantes de medicina afirmaram se automedicar, não havendo associação estatística entre o curso de medicina e a automedicação (Teste do Qui-Quadrado:  $p = 0.321$ ).

Já em relação ao atendimento médico, nota-se, que uma maior quantidade de atendimentos médicos anuais está relacionada a uma menor prevalência de automedicação. Não foram encontrados estudos que pesquisassem a associação entre a automedicação e a quantidade de atendimento médico por ano.

A adesão a plano de saúde foi citada por 24.6% dos participantes da pesquisa. Não foi encontrada associação estatística entre a automedicação e a presença ou não de plano de saúde, assim como os resultados encontrados por Arrais et al (2016) em uma pesquisa de âmbito nacional ( $p = 0.709$ ) e por Silva, Ferraes e Santos (2015), entre os estudantes universitários do norte do Paraná ( $p > 0,05$ ).

Quando se trata do estado de saúde atual autodeclarado dos participantes, observa-se que a maioria se declarou com um bom estado de saúde, representando 45.8% do total. Todavia, não foi encontrada associação estatística quando comparada a automedicação com o estado de saúde atual, diferentemente dos resultados encontrados por Arrais (2005), onde foi encontrada associação estatística ( $p < 0.05$ ).

Como já discutido anteriormente, os principais medicamentos utilizados pelos participantes foram: analgésicos (67%), anti-inflamatórios (65,5%), relaxantes musculares (44,7%) e os antitérmicos (34%). Resultados similares foram encontrados por Lima et al (2022), onde os analgésicos também ocuparam a primeira colocação (51.8%) entre os medicamentos mais utilizados, seguidos dos anti-inflamatórios (10.4%). Em estudos de caráter nacional, Arrais et al (2016), também encontrou uma maior prevalência do uso dos analgésicos, seguidos pelos relaxantes musculares. Em outro estudo nacional, performado por Arrais et al (1997), os analgésicos também aparecem como a classe medicamentosa mais consumida, seguida pelos descongestionantes nasais e, por fim, os anti-inflamatórios. Destaca-se, todavia, que ambos os estudos citados

anteriormente foram feitos com base na população em geral, e não especificamente com a população universitária.

Com relação às principais queixas, nosso estudo averiguou que as principais motivações para a automedicação foram: dor de cabeça (83%), dores musculares ou articulares (51%), resfriado ou gripe (48,1%) e dor de garganta (43,2%). Resultados semelhantes foram encontrados por Montanari et al (2014), onde foi visto que a cefaleia (73%) e os resfriados (45%) foram as principais causas de automedicação. Neres et al (2010) também avaliou as principais enfermidades que levavam à automedicação, encontrando resultados semelhantes, sendo a cefaleia e dor musculoesquelética a principal causa (62.24%). A cefaleia e as dores musculoesqueléticas também foram as principais causas de automedicação entre a população de Floriano - Piauí, chegando a 78.6% (DUARTE et al., 2011). Observa-se que as queixas de cefaleia e dores musculoesqueléticas foram mais prevalentes tanto dentro do espectro universitário como dentre a população em geral.

Se tratando dos principais meios de influência para a prática da automedicação, o presente estudo demonstrou que 80,3% dos participantes afirmaram que as propagandas e mídias sociais influenciam pouco ou nada no uso de medicamentos por conta própria. Tal resultado corrobora com o resultado encontrado por Tomasini, Ferras e Santos (2015), onde apenas 4.2% dos participantes admitiram ser influenciados pelas propagandas. A influência por propagandas e mídias só foi citada por 12.5% entre os estudantes de enfermagem do Amazonas (GAMA; SECOLI, 2017). Apesar da influência exercida pelas mídias sociais no estilo de vida, na alimentação e na realização de procedimentos médicos, aparentemente elas não parecem influenciar no consumo de medicamentos sem prescrição médica dos acadêmicos, ainda que exista uma grande liberdade de divulgação da indústria farmacêutica por meio da internet.

Além disso, no nosso estudo, foi visto que 62.6% dos estudantes admitem ser influenciados por familiares ou amigos no processo da automedicação. Os mais influenciados foram os estudantes dos cursos de humanidades (80%), seguidos dos de exatas (76,55%) e por fim os da saúde (54.5%), sendo observada associação estatística entre a área do curso e a influência da indicação de amigos/familiares. Vitor et al (2008) encontrou resultados similares,

onde a maioria afirmou ser influenciada por familiares (53,7%). Embora não ter sido encontrada associação estatística entre a área do curso e a prevalência da automedicação no nosso estudo, foi percebido que os estudantes que não faziam parte da área da saúde são mais facilmente influenciados quando comparados aos estudantes da área da saúde. Tal fato pode ser explicado pelo conhecimento teórico mais aguçado dos estudantes da saúde do que das outras áreas, o que os tornam mais confiantes em utilizar medicamentos por conta própria.

Em relação à influência do farmacêutico ou do balconista, 65% afirmaram serem influenciado por esses. Vitor et al (2008) encontrou que 22.3% são influenciados por farmacêuticos e Tomasini, Ferras e Santos (2015) encontrou um número próximo a 37% dos participantes.

Por fim, as principais limitações encontradas para a realização da pesquisa foram: amostra relativamente pequena, apesar da exploração de todos os meios de divulgação viáveis; e baixo número de estudos que explorem a comunidade universitária e sua relação com a automedicação, sendo necessário buscar fontes de dados que analisam a população brasileira no geral.

## **6 CONCLUSÃO**

A prevalência de automedicação entre os acadêmicos da Universidade do Oeste da Bahia, foi de 43%. Tal dado é comparável à prevalência de automedicação da população geral, demonstradas em estudos nacionais. Dentre os principais fatores associados a automedicação, a renda familiar e a quantidade de atendimentos anuais se mostraram mais relevantes estatisticamente, enquanto a adesão ou não à plano de saúde não mostrou relação com a automedicação. Enquanto as propagandas e mídias sociais não tiveram grande influência na automedicação dos estudantes, a indicação por farmacêutico e/ou balconistas, e por familiares e amigos exerceu grande influência sobre a automedicação nesta população.

Apesar de não haver correlação estatística entre a prática da automedicação e os cursos em específico, notou-se que os cursos de humanidades e de exatas

são mais suscetíveis às influências familiares que levam a automedicação quando comparados aos cursos de saúde e ciências biológicas.

Por fim, os principais medicamentos utilizados foram os analgésicos e os anti-inflamatórios, seguidos dos relaxantes musculares, sendo utilizados para tratar, majoritariamente, dor de cabeça e dores musculoesqueléticas.

Os resultados obtidos permitirão uma análise aprofundada do tema, contribuindo para o entendimento dos padrões de automedicação e fornecendo informações relevantes para o desenvolvimento de estratégias de conscientização do uso racional de medicamentos visando uma automedicação responsável.

## 7 REFERÊNCIAS

AQUINO, D. S. DE; BARROS, J. A. C. DE; SILVA, M. D. P. DA. **Automedicação e os acadêmicos da área da saúde**. 2010.

Arrais P. S. D. et al. **Perfil da automedicação no Brasil**. Rev Saúde Pública. 1997; 31: 71-7

Arrais P. S. D. et al. **Perfil da Automedicação no Brasil**. Rev. Saúde Pública. 2005; 31: 71-79

Arrais P. S. D. et al. **Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados**. Rev Saúde Pública. 2016;50(supl 2):13s.

BENNADI, D. **Self-medication: A current challenge**. Journal of Basic and Clinical Pharmacy, v. 5, n. 1, p. 19, 2014.

CARVALHO, M. F. DE et al. **Utilization of medicines by the Brazilian population**, 2003. [s.l: s.n.].

COSTA, M. et al. **Uso de medicamentos sem prescrição médica em Teresina, PI**. ConScientiae Saúde, v. 10, n. 1, p. 31–37, 2011.

DUARTE, A. B. et al. **Prevalência de automedicação na população adulta da zona urbana em Floriano, Piauí**. Brasília Med, 2011.

GAMA ASM, SECOLI SR. **Automedicação em estudantes de enfermagem do**

**Estado do Amazonas – Brasil.** Ver Gaúcha Enferm. 2017 mar;38(1):e65111. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2017.01.65111>.

KATZUNG, Bertram G.; TREVOR, Anthony J. (Orgs.). **Farmacologia básica e clínica.** 13 ed. Porto Alegre: McGraw-Hill, 2017. 1202 p.

KRUGER, J.; DUNNING, D. **Unskilled and unaware of it: How difficulties in recognizing one's own incompetence lead to inflated self-assessments.** Journal of Personality and Social Psychology, v. 77, n. 6, p. 1121–1134, 1999.

LIMA P.A., et al. **Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas.** Acta Paul Enferm. 2022;35:eAPE039000134.

MELO, J. R. R. et al. **Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19.** Cadernos de Saúde Pública, v. 37, n. 4, 1 abr. 2021.

MONTANARI, C. M. et al. **Automedicação em acadêmicos de uma universidade pública do sul de Minas Gerais.** Tempus, actas de saúde colet, Brasília, 8(4), 257-268, dez, 2014.

MONTASTRUC, J.-L. et al. **Pharmacovigilance, risks and adverse effects of self-medication.** Therapies, v. 71, n. 2, p. 257–262, abr. 2016.

NERES, BRUNA S. I. et al. **Prevalência da automedicação em acadêmicos de fisioterapia de uma instituição de ensino superior de Teresina.** ConScientiae Saúde, 2010.

PESQUISA aponta que 77% dos brasileiros têm o hábito de se automedicar. **Departamento de Comunicação CRF-SP**, São Paulo, 30 de abril de 2019. Disponível em: < <http://www.crfsp.org.br/noticias/10535-pesquisa-aponta-que-77-dos-brasileiros-t%C3%AAm-o-h%C3%A1bito-de-se-automedicar.html> >

RANG, H.P; DALE, M.M. Editora Elsevier, 8ª edição, 2016. **Farmacologia Clínica.** Fuchs, F.D.; Wannmacher, L. Editora Guanabara Koogan, 4ª edição, 2010.

RESTINI, C. B. A.; ROMANO, A. C. **Automedicação em acadêmicos do curso de medicina.** Medicina (Ribeirão Preto). 2012. Disponível em: <<http://www.fmrp.usp.br/revista>>.

SILVA, RUAN C. G. et al. **Automedicação em acadêmicos do curso de medicina.** Medicina (Ribeirão Preto), 2012.

SOZO VITOR, R. et al. **Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS.** 2008.

STRAVITZ, R. T.; LEE, W. M. **Acute liver failure**. *The Lancet*, v. 394, n. 10201, p. 869–881, set. 2019.

TITTARELLI, R. et al. **Hepatotoxicity of paracetamol and related fatalities**. *European review for medical and pharmacological sciences*, v. 21, n. 1 Suppl, p. 95–101, 2017.

TOMASINI, A. A; FERRAES, A. M. B; SANTOS, J. S. DOS. **Prevalência e fatores da automedicação entre estudantes universitários no Norte do Paraná**. *Biosaúde*, Londrina, v. 17, n. 1, 2015

VILARINO J.F, SOARES I.C, SILVEIRA C.M, RODEL A.P.P. **Perfil da automedicação em municípios do Sul do Brasil**. *Rev. Saúde Públ.* 32(1): 43-49, 1998.

## ANEXO I

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
OESTE DA BAHIA - UFOB



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** INQUÉRITO SOBRE A PREVALÊNCIA DE AUTOMEDICAÇÃO ENTRE OS ESTUDANTES DO CAMPUS REITOR EDGAR SANTOS DA UFOB-BA

**Pesquisador:** CAMILA ALMENARA CRUZ PEREIRA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 63451622.2.0000.8060

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 5.692.095

**Apresentação do Projeto:**

O protocolo de pesquisa intitulado "Inquérito sobre a prevalência de automedicação entre os estudantes do Campus Reitor Edgard Santos da UFOB - BA", cujo pesquisador responsável é Camila A. Cruz Pereira, propõe-se a investigar a temática da automedicação e apresenta como desfecho primário a "prevalência de automedicação entre os estudantes do Campus Reitor Edgar Santos e os fatores associados à essa prática." O estudo se justifica pela importância de conhecer as práticas de automedicação em meio aos estudantes, dado os riscos à saúde envolvidos, bem como para se poder intervir e "buscar formas de orientação à população de contenção dessa prática, minimizando os riscos à saúde da comunidade." Essa orientação se torna ainda mais importante no caso dos estudantes da saúde, que no futuro serão responsáveis por também orientar outras pessoas sobre os problemas decorrentes da prática da automedicação. Em termos metodológicos, trata-se de um estudo transversal e analítico, cujo instrumento de coleta de dados será um formulário eletrônico com perguntas fechadas a ser aplicado para estudantes do Campus Reitor Edgard Santos maiores de 18 anos. A amostra é formada por 182 estudantes, justificada por cálculo estatístico no corpo do projeto. "A análise estatística será realizada com o auxílio do pacote estatístico SPSS v.22 (Chicago, IL, EUA)."

**Objetivo da Pesquisa:**

"Objetivo Primário:

**Endereço:** JOSE SEABRA DE LEMOS

**Bairro:** RECANTO DOS PASSAROS

**CEP:** 47.808-021

**UF:** BA

**Município:** BARREIRAS

**Telefone:** (77)3614-3508

**E-mail:** cep@ufob.edu.br

## ANEXO II

26/09/2022 16:07

A prevalência da automedicação entre os estudantes do campus Reitor Edgar Santos, da UFOB-BA

### A prevalência da automedicação entre os estudantes do campus Reitor Edgar Santos, da UFOB-BA

A seguinte pesquisa tem como objetivo principal caracterizar a prevalência da automedicação entre os estudantes do campus Reitor Edgar Santos da UFOB, localizado na cidade de Barreiras, na Bahia. Ademais, com os dados coletados, pretende-se caracterizar o perfil dos estudantes deste campus e de consumo de medicamentos. A análise dos dados garantirá o sigilo e o anonimato das fontes, sendo vedada a divulgação de qualquer informação de ordem pessoal. Os dados serão utilizados única e exclusivamente para o propósito da presente pesquisa.

Apenas estudantes do Campus Reitor Edgar Santos (campus Barreiras) da UFOB, com 18 anos ou mais, podem participar desta pesquisa.

---

**\*Obrigatório**

1. Você é estudante de graduação do Campus Reitor Edgar Santos (Campus de Barreiras) da UFOB? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

2. Qual sua idade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Abaixo de 18 anos.

Entre 18 e 20 anos.

Entre 21 e 25 anos.

Entre 25 e 30 anos.

Acima de 30 anos.